



O Estágio Supervisionado na formação inicial de professores de Ciências: pontos de encontro e desencontro

Laila Christina Gundim Arruda¹, Rosa Oliveira Marins Azevedo²

¹Acadêmica do curso de química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. E-mail: lca_ifam@hotmail.com

²Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. E-mail: marinsrosa@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo é apontar algumas contribuições do estágio curricular, na formação inicial de professores de Ciências, a partir das experiências vivenciadas em uma escola pública estadual com estudantes do Ensino Fundamental nas aulas de Ciências. Os dados relativos ao estudo foram coletados durante o Estágio Curricular, por meio de observação direta do ambiente escolar, como um todo, e das aulas do professor de Ciências, em particular. Além disso, houve momentos de discussão com a gestora da escola, pedagoga e professor de Ciências a cerca de questões relativas ao ambiente escolar e à prática docente. Os dados coletados foram divididos em três categorias: 1) *Ambientação na escola* – objetivou conhecer o espaço físico da escola; 2) *Observação participante* – consistiu em ter um primeiro contato com a turma e com a figura do professor, que media o processo ensino-aprendizagem, para conhecer a realidade do trabalho docente em Ciências; 3) *Trabalho pedagógico coletivo* – visou à participação em reuniões pedagógicas, formais e informais. O processo de estágio supervisionado vivenciado na escola foi enriquecedor para minha formação de professora de Ciências, pois pude conviver com professores e alunos, ver a realidade da profissão de perto, contribuir com processo ensino-aprendizagem dos alunos e adquirir experiência quanto ao trabalho docente, particularmente em sala de aula. Nesse processo vivenciado, uma questão marcante para mim foi a necessidade de o professor se recriar como docente a cada dia na escola, a cada encontro com os alunos em sala de aula para poder lidar com os desafios encontrados no percurso. Portanto, o estágio representou o espaço em que busquei vincular aspectos teóricos e práticos, perceber a necessidade de assumir uma postura crítica, que se mostrou possível por meio da postura reflexiva da prática educativa diante da realidade e a partir dela, para que uma educação de qualidade pudesse ser alcançada.

Palavras-chave: Estágio Curricular, formação de professores de Ciências, relato de experiência

1. INTRODUÇÃO

O Estágio supervisionado de Licenciatura é uma exigência estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96). O mesmo é necessário para formação profissional a fim de promover capacitação em serviço conforme as exigências do mercado de trabalho onde o licenciado em química irá atuar. Assim o estágio dá oportunidade de associar teoria e prática baseando-se no desenvolvimento de competências profissionais o que implica na utilização de conhecimentos adquiridos na vida acadêmica. Sendo assim, o estágio constitui-se um importante instrumento de conhecimento e de integração do acadêmico na realidade social, econômica e do trabalho em sua área profissional. Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo apontar algumas contribuições do estágio curricular na formação inicial de professores de Ciências, a partir das experiências vivenciadas em uma escola pública estabelecida na cidade de Manaus, com estudantes do Ensino Fundamental nas aulas de Ciências.

Durante o estágio, constantemente ouvir, de um ou de outro aluno, que “Ciências é uma matéria difícil”; “é uma disciplina difícil de ser entendida”; “é muito complicada”; “esta matéria não serve para nada”, “esta aula não é nada atrativa”, além de outras afirmações negativas em relação à disciplina de ciências, que no ensino fundamental deve procurar articular as ciências físicas e biológicas. Para mudar a didática do ensino de ciências na escola tornando-a uma disciplina dinâmica, rica, viva e eficaz é preciso mudar antes o conceito estático que se tem dessa disciplina. Além disso, é necessário reconhecer que a ciência química evolui e se modifica com o tempo, em função de como e quanto é utilizada, pois quanto mais os fenômenos químicos forem percebidos cotidianamente, mais



significativo será seu entendimento e conseqüentemente seu uso. Não é possível preparar alunos capazes de solucionar problemas ensinando conceitos científicos desvinculados da realidade, ou que se mostrem sem significado aos alunos, esperando que saibam como utilizá-los futuramente. Por isso, faz-se necessário pensar em tornar o ensino de Ciências como uma das formas de preparar os alunos para a participação ativa de maneira a colaborar com a sociedade da qual fazem parte.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O estágio supervisionado foi realizado em uma escola pública estadual, localizada em Manaus-AM, em cinco turmas do Ensino Fundamental, com carga horária de 80 horas, no primeiro semestre de 2012. Os dados relativos ao estudo foram coletados durante o Estágio Curricular, por meio de observação direta (BOGDAN; BIKLEN, 1994) do ambiente escolar, como um todo e das aulas do professor de Ciências, em particular. Além disso, houve momentos de discussão com a gestora da escola, pedagoga e professor de Ciências a cerca de questões relativas ao ambiente escolar e à prática docente.

Os dados coletados foram discutidos, considerando-se três categorias: 1) *Ambientação na escola* – objetivou conhecer o espaço físico da escola, como por exemplo - biblioteca, sala de multimídia, disposição das salas de aula, quadra de esportes e outros; 2) *Observação participante*– consistiu em ter um primeiro contato com a turma e com a figura do professor que media o processo ensino-aprendizagem, de ciências, do ensino fundamental para conhecer a realidade do trabalho docente do professor de Ciências; 3) *Trabalho pedagógico coletivo* – visou à participação em reuniões pedagógicas, formais e informais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Ambientação na Escola

Segundo Almeida (2002, p.22), o estágio é uma fase de “[...] aproximação e intervenção na realidade, o diagnóstico da escola poderá servir para o estagiário sentir de perto a estrutura, a organização e o funcionamento da unidade escolar, por isso é importante que observemos atentamente seus hábitos, sua cultura e sua rotina”. Nesse contexto, a primeira categoria *Ambientação na escola*, desenvolvida no processo de estágio teve a finalidade de conhecer o ambiente escolar como um todo. No primeiro contato fui recebida pelo diretor, que me apresentou a pedagoga, que então esclareceu-me sobre os horários das aulas e direcionou-me ao professor por quem fui acompanhada no decorrer do estágio. Em seguida fui informada quanto aos horários das aulas e a dinâmica do espaço escolar. A escola funciona atendendo alunos do ensino fundamental, do ensino médio e EJA. No turno matutino, funciona o Ensino Fundamental, de 5º ao 9º ano, com 772 alunos, no vespertino funciona o Ensino Médio, com 748 alunos matriculados e no horário noturno funciona o Ensino Médio e EJA com 528, totalizando 2048 alunos. As aulas do turno da manhã no qual fora realizado o estágio começavam às 7h10min e terminavam às 11h15min, com duração de 50 minutos cada tempo de aula, tendo um intervalo de 15 minutos entre o terceiro e quarto horário. Lembrando que nesse intervalo era oferecida merenda aos alunos o que causava certo atraso no início da aula seguinte.

Outro dado obtido foi quanto ao corpo de recursos humanos que a escola dispunha, segundo dados da instituição, a mesma possui 05 funcionários administrativos, 82 professores, 07 serviços gerais, 05 funcionários na coordenação pedagógica, 06 merendeiras, 06 inspetores de ensino, 01 vigia e 02 bibliotecárias. Durante a ambientação, notei que os dados citados acima não correspondiam à realidade atual da escola, pois quando me dirigi até a biblioteca e a sala de informática para conhecer seus espaços físicos deparei-me com as portas trancadas, por falta de funcionários, permanecendo assim por todo o período de estágio que estive na escola. No decorrer do processo de ambientação percebi que a falta de acesso a esses espaços impedia a realização de algumas atividades extraclasse. Nesse contexto, Libâneo (2004) diz, que as práticas de gestão estão relacionadas com as ações de natureza técnico-administrativa no que diz respeito aos recursos físicos e materiais didáticos.

Outro espaço da escola conhecido foi a sala dos professores. Esta é muito pequena para acomodar todos os docentes, mas também muito acolhedora, no momento do intervalo os professores são bem servidos com um bom lanche seguido de boas conversas e observações. Estive várias vezes



neste local observando as relações de convivência entre os professores, aprendendo, trocando experiências e ouvindo relatos sobre o comportamento dos alunos. Em geral, esta sala é o local onde os professores preparam suas atividades, lançam as notas no diário de classe, descansam esperando o próximo tempo de aula.

Outro espaço conhecido foi o pátio da escola, que por sinal é muito importante, haja vista que é utilizado como “quadra de esportes” da escola, pois a mesma não dispõe de um espaço reservado para a prática das aulas de educação física e lazer esportivo dos alunos.

A cantina é um ambiente que vale ressaltar, visto que é o lugar onde são preparados os alimentos para os alunos, é o local no qual eles se alimentam no horário do intervalo e é onde os alunos que ficam para a aula de reforço, no horário da tarde.

A escola possui vários outros espaços como sala de apoio pedagógico, sala do gestor, secretaria, laboratório de ciências (pouco utilizado), auditório e espaços livres (corredores, escadas), que em geral são espaços pequenos. O último passo do processo de ambientação foi verificar quais projetos estavam sendo desenvolvidos na escola. Os projetos atuantes em uma escola são muito relevantes, visto que estes proporcionam inclusão e um despertar do interesse dos alunos à prática da pesquisa, além de aumentar a assiduidade e manter o seu tempo preenchido com boas práticas; melhorando assim o processo de ensino aprendizagem tornando-o mais prazeroso. Segundo Bagno (2009, p. 22):

“Fazer um projeto é lançar ideias para frente, é prever as etapas do trabalho, é definir aonde se quer chegar com ele_ assim, durante o trabalho prático, saberemos como agir, que decisões tomar, qual o próximo passo que teremos de dar na direção do objetivo desejado”.

É justamente o ato de “lançar ideias para frente”, que a escola estagiada está precisando desenvolver e entrar nessa empreitada. Os projetos desenvolvidos na escola são: Eureka e o Reforço Escolar, promovidos pelo Governo do Estado do Amazonas. Um outro projeto recém criado pela professora de educação física é o Badminton na Escola (jogo similar ao tênis), que foi criado com o objetivo de incentivar os alunos a praticarem atividades físicas, bem como à participação no JEA’S (Jogos Escolares do Amazonas).

O último ponto do momento de ambientação seria analisar o PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola. Segundo Libâneo (2004, p.266):

O Projeto Político Pedagógico é um documento que reflete as intenções, os objetivos, as ações, os procedimentos, necessários à realização do processo de escolarização de todos os alunos. Enquanto tal, ele é a concretização das etapas do processo de planejamentos [...] o projeto deve dar respostas consistentes a esta pergunta: quais objetivos devem ser formulados e quais ações concretas devem ser empreendidas para que a escola melhore seu funcionamento, no sentido de proporcionar aprendizagens mais eficazes, mais sólidas, e duradouras dos alunos?

Durante o período de estágio muito procurei ter acesso ao (PPP), porém sempre recebi a informação de que o mesmo estava em reformulação pela Secretaria de Educação do Estado do Amazonas (SEDUC). Sendo assim, nessa primeira etapa do estágio infelizmente não foi possível ter acesso a este documento.

3.2 Observação participante

Quanto à segunda categoria *Observação participante em sala de aula*, que visou um contato direto com o ambiente principal de trabalho do professor, a sala de aula, para conhecimento do trabalho pedagógico do professor tanto em termos de dimensão conceitual, quanto procedimental e atitudinal (ZABALA, 1998).

O momento da observação participante foi aquele em que estive presente em sala de aula, juntamente com os alunos e o professor. Foi quando pude ver de perto a realidade de quem exerce essa árdua e prazerosa arte de ensinar e criar possibilidades para que se chegue até o conhecimento.



No início e no decorrer do processo de observação participante, pude conversar bastante com o professor, que é graduado em licenciatura em ciências biológicas, sendo este o seu primeiro ano de exercício da docência, mediante aprovação no último concurso público da SEDUC – AM. Ministra aulas em uma turma do 8º ano e em outras cinco turmas do 9º ano do ensino fundamental. Segundo relatos do professor, é mais cômodo lecionar no 8º ano, pois os conteúdos escolares estão de acordo com as suas práticas formativas, já a ministração de aulas para as turmas de 9º ano se torna mais complicada pelo fato do professor não possuir conhecimentos específicos para ministrar química e física.

Quando o questionei, em relação à profissão de professor, se pretendia continuar exercendo-a, respondeu sem hesitar que não pretende continuar exercendo. Segundo ele “é muita dor de cabeça e estresse”. A sua pretensão é prestar concurso público para outra área. Disse ainda que ingressou na graduação em ciências biológicas por gostar da área, mas não tinha interesse em dar aula, porém como foi aprovado no concurso e precisava trabalhar teve então, que atuar como professor. Mesmo não querendo ser professor, mostrou-se tranquilo, comunicativo e muito paciente.

Definimos os dias de estágio, nas terças e quintas-feiras e as turmas nas quais desenvolvi o estágio de observação participante -que aconteceu em uma turma de 8º ano e em quatro turmas de 9º ano (1, 2, 4 e 5). O primeiro dia em que tive contato com uma das turmas foi no início do mês de março. Nesse primeiro contato, o professor me apresentou aos alunos e pude perceber que todos estavam devidamente padronizados com a farda escolar. Com a minha presença, demonstraram-se desconfiados e envergonhados, mas não hesitaram em conversar com os colegas.

A mesma reação foi demonstrada pelas outras turmas, exceto pelo 9º (05), turma dos “repetentes”, que por sinal é a turma com a qual o professor mais gostou de trabalhar, pois a turma apresentava um bom comportamento, apesar das notas inferiores em relação às outras turmas. De acordo com o professor, o conteúdo prosseguia mais rápido. As outras turmas do 8º e 9º ano, apresentavam alunos excelentes que acompanhavam bem os assuntos, faziam todas as atividades, , porém eram muito barulhentos na sala, claro que não eram todos os alunos, mais uma grande parcela deles.

As salas onde as turmas ficavam alocadas eram bastante claras, mas quentes devido à intensidade dos raios solares que são direcionados as mesmas, apesar de possuírem condicionador de ar o calor era incômodo. Os estudantes muitas vezes não conservavam a organização e higiene da sala, tornando o ambiente desorganizado.

As salas estão localizadas no primeiro andar do prédio, e são distanciadas umas das outras. Mesmo assim a dispersão dos alunos na troca dos tempos de aula, de um professor para outro não era evitada, o barulho e a movimentação produzida fora da sala atrapalhavam o início da aula do professor seguinte. Os alunos utilizavam carteiras (mesa e cadeira), juntos, e todas estavam dispostas em fila. O tipo de acento utilizado traz benefícios em dois aspectos: ocupa menos espaço e facilita a realização de atividades em grupos. Algumas salas eram desproporcionais em relação ao número de alunos que variavam conforme as turmas, o que causou trocas de salas, tornando proporcional a quantidade de alunos em relação ao tamanho da sala, o que melhorou bastante o desenvolvimento das atividades. As aulas na maioria das vezes começavam no horário e terminavam um pouco mais cedo por falta de professor. As aulas eram interrompidas constantemente por alunos pedindo para irem ao banheiro ou beber água e principalmente por conversas paralelas.

Observou-se que durante as aulas, os alunos se guiavam por um livro-base, separado pelas disciplinas de química e física (livro do 9ºano) e o livro do 8º ano, que de maneira geral abordava sobre o funcionamento do corpo humano. Não se utilizava outros livros como suporte. A metodologia utilizada pelo professor, em sala, era apenas leitura do livro didático e resolução de exercícios, nenhuma utilização de recursos tecnológicos. Suas avaliações eram prova escrita, atividades desenvolvidas em sala como exercícios e trabalhos. Mesmo assim havia alunos que não desenvolviam as tarefas e ficavam sem nota. Correr com o assunto, deixando várias dúvidas sem respostas, era algo comum durante as aulas. Nesse contexto, segundo o modelo organizacional da escola, Almeida (2002, p. 18) diz que:



[...] permanece autoritário, nem tão explícito como antigamente, nem tão democrático com se apregoa. Continua utilizando instrumentos ideológicos, podendo-se destacar, entre eles, a frequência e a avaliação como controladores da disciplina, do respeito, em condutas e práticas exercidas.

Segundo o professor, uma das coisas que dificulta o uso de mídias nas aulas é o fato do gestor monopolizar estes equipamentos, deixando-os em sua sala onde somente ele tem acesso, o que dificulta o trabalho do professor. Dos 50 minutos de aula, que fora mencionado anteriormente, subtrai-se em média, 10 a 15 minutos, quando se deseja utilizar-se desses recursos em sala. Segundo Libâneo (2004, p. 270), algumas competências são atribuídas aos gestores responsáveis pela escola, como: “prestar assistência pedagógico-didática aos professores, para chegar a uma situação ideal de qualidade de ensino (considerando o ideal e o possível), auxiliando-os a conceber, construir e administrar situações de aprendizagem adequadas às necessidades educacionais dos alunos”.

No decorrer do estágio pude perceber que os alunos ficavam cansados e desestimulados, pois prestar atenção e fazer silêncio durante a aula era uma tarefa difícil. Mediante isso, resolvi colocar em prática minha observação participante e conversei com o professor sobre a situação. Então, foi nesse momento que fiz minha primeira atuação como professora, preparei uma aula sobre Modelos Atômicos e ministrei-a. Esse foi um momento onde nós (eu e os alunos) nos aproximamos e eles passaram a confiar mais em mim. Nas aulas posteriores (em todas as turmas do 9º), preparei um jogo, por nome autódromo (jogo de perguntas e respostas- F ou V- com o uso de placas), sobre o assunto de Modelos Atômicos e Mudança de Estados da matéria.

A escola possui laboratório, porém é pouco utilizado, o professor não demonstra nenhum interesse em empregá-lo como ambiente de ensino- aprendizagem, pelo fato de não ter domínio sobre as práticas de laboratório, mais ele me deixou bem à vontade, para usar o laboratório quando eu achasse necessário. Foi aí então, que preparei uma aula com o uso de slides, sobre as Normas de Segurança no Laboratório. O professor solicitou o retroprojeter com uma semana de antecedência e tudo correu bem. Esta aula foi muito importante, pois no terceiro bimestre eu retornarei à escola para dar continuidade ao estágio (projeto de intervenção) e juntamente com o professor levaremos os alunos ao laboratório para que desenvolvem atividades práticas. A ida dos alunos ao laboratório é muito importante no processo ensino-aprendizagem. O laboratório segundo Chrispino (1994, p.7), “deve ser visto como local onde se reúne as condições indispensáveis à experimentação científica e a comprovação dos conhecimentos expostos teoricamente”.

3.3 Trabalho Pedagógico Coletivo

Durante o período de estágio tive a oportunidade de participar de reuniões formais e informais. As reuniões informais aconteciam sempre no horário do intervalo, na sala dos professores. Nesse momento os docentes discutiam sobre o árduo trabalho de ser professor, sobre o comportamento dos alunos, sobre a desorganização da escola em alguns aspectos e principalmente reclamavam do salário baixo; o que gerava divergência de opiniões entre alguns professores. Esses momentos de troca de ideias, comentários e observação no ambiente escolar contribuíram bastante para minha formação. Quanto a isso, Almeida (2002, p.18) afirma que: “No exercício da formação, quer inicial ou contínua os professores vão construindo sua profissão no espaço escolar, enquanto ambiente formativo e de formação”.

Em abril, os pais dos alunos foram convocados para a reunião de pais e mestres, na reunião realizada no auditório e regida pelo diretor, foram abordados assuntos referentes ao comportamento dos alunos na escola, rendimento, atrasos e faltas, e quanto à necessidade de participação dos pais no processo de ensino aprendizagem. Observei que durante a reunião alguns pais não deixavam sequer o diretor se pronunciar, pois estavam certos de que seus filhos tinham o comportamento exemplar. Após a reunião, os pais se dirigiram as respectivas salas de aula dos seus filhos para receberem os boletins.



Nesse momento, como alguns professores não compareceram e o número de professores para atender aos pais estava reduzido, a pedagoga pediu que eu recebesse os pais do 8º ano e lhes entregasse o boletim, além de conversar sobre o comportamento de seu filho. Assim eu fiz, e realmente naquele momento me vi como uma professora. Esse desafio inesperado me acrescentou muito, pude conversar com algumas mães sobre as dificuldades de seu filho e o que poderia ser feito para uma melhoria. No fim da reunião pude perceber que grande parte dos pais não compareceu.

Analisando os boletins que restaram, vi que os pais dos alunos que apresentavam mais dificuldades e notas baixas não compareceram à reunião. Essa ausência dos pais é um ponto bastante negativo. Segundo Libâneo (2004, p.278) “Os professores precisam compartilhar sua responsabilidade pedagógica com os pais, assim como é sumamente importante a participação dos pais nas instâncias de decisão da escola”. No decorrer da continuação do estágio espero poder ajudar nessa melhor comunicação e participar de mais momentos pedagógicos.

4. CONCLUSÕES

O processo de estágio supervisionado vivenciado na escola em três momentos: ambientação na escola, observação participante e trabalho pedagógico coletivo foi enriquecedor para minha formação docente, pois pude conviver com professores e alunos, ver a realidade da profissão de perto, contribuir com processo ensino-aprendizagem dos alunos e adquirir experiência quanto ao trabalho docente, particularmente em sala de aula.

Nesse processo vivenciado uma questão marcante que se mostrou para mim é a necessidade de o professor se recriar como docente a cada dia na escola, a cada encontro com os alunos em sala de aula para poder lidar com os desafios encontrados no percurso, seja pela falta de materiais adequados para desenvolver suas aulas, seja pela falta de espaço para algumas atividades que precisam ser desenvolvidas, seja pela própria relação com os alunos e com o conteúdo, além das demais relações na escola, com os colegas, gestão, coordenação, pais, entre outros.

Portanto, o estágio representou o espaço em que busquei vincular aspectos teóricos com aspectos práticos. Nessa vinculação, percebi a necessidade em assumir uma postura crítica, que se mostrou possível por meio da postura reflexiva da prática educativa diante da realidade e a partir dela, para que uma educação de qualidade pudesse ser alcançada. Foi um momento em que a teoria e a prática efetivamente revelaram pontos de desencontros, mostrando a distância entre escrito e o vivido (LIMA, 2002).

Por fim, do processo vivenciado posso dizer que vivi uma observação participante efetiva ou total, conforme Libâneo (2004, p. 295), pois para o autor existem dois tipos de observação: participante e não- participante, na participante “o observador faz parte do grupo que irá observar podendo essa participação ser total ou parcial”. Neste sentido, efetuei uma observação participante que despertou em mim o prazer em ser professora, reconhecendo na docência inúmeros desafios.

REFERÊNCIAS

LIMA, M. S. L. Entre o escrito e o vivido. In: ALMEIDA, A. M. B.; LIMA, M. S. L.; SILVA, S. P. (Orgs.). **Dialogando com a escola**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 15-20.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é como se faz**. 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma investigação às teorias e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

CHRISPINO, Álvaro. **Manual de química experimental**. Col.: Na sala de aula. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5º ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.



ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.